



Câmara Municipal de Fortaleza
GABINETE VEREADOR MÁRCIO CRUZ

0555 / 2020

REQUERIMENTO _____

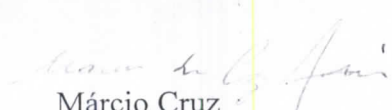
Requer a transcrição nos anais desta Casa da matéria intitulada “Médicos usam remédios contra HIV e ebola contra novo coronavírus ” no jornal O Povo no dia 07 de fevereiro de 2020.

EXMO. SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA:

O vereador signatário, no uso de suas atribuições legais e na forma regimental, vem mui respeitosamente à presença de V. Exa. requerer a transcrição nos anais desta Casa Legislativa da matéria intitulada “Médicos usam remédios contra HIV e ebola contra novo coronavírus ”.

A matéria foi publicada no Jornal O Povo no dia 07 de fevereiro de 2020, conforme recorte em anexo.

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 07 DE FEV. DE 2020.


Márcio Cruz
Vereador – PSD

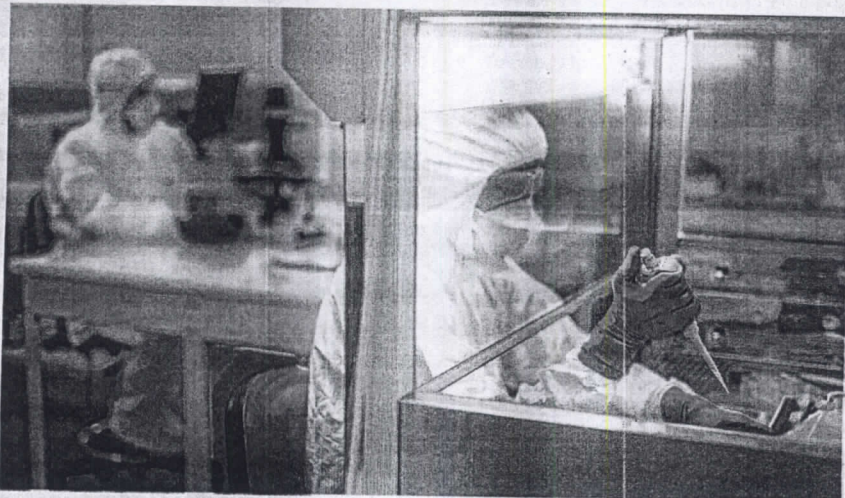


Câmara Municipal de Fortaleza
Rua Dr. Thompson Bulcão, 830 – Gabinete 09 – Patriolino Ribeiro.
CEP. 60.810-460 – Fone (85) 3444.8300

Médicos usam remédios contra HIV e ebola contra novo coronavírus

| EPIDEMIA | Na Tailândia, pacientes tiveram melhora após uso coquetel de medicamentos para HIV e H1N1

JEFF PACHOUD / AFP



CIENTISTAS trabalham no desenvolvimento de um tratamento contra o novo coronavírus

Com 630 mortes e cerca de 30 mil infectados pelo novo coronavírus, especialistas recorrem a medicamentos contra HIV, H1N1, ebola e à medicina tradicional chinesa para tratar pacientes. A doença, reportada pela primeira vez na China em dezembro, já chegou a outros 24 países.

No domingo, a Tailândia anunciou que pacientes apresentaram melhora 48 horas após serem tratados com uma combinação de medicamentos para HIV e altas doses do oseltamivir, usado no tratamento de H1N1. Os Estados Unidos trabalham com uma farmacêutica, que já desenvolveu tratamento para o ebola, com o intuito de criar uma droga para o vírus.

O coquetel foi dado a pacientes em estado grave, incluindo uma chinesa de 70 anos, da cidade de Wuhan, epicentro do surto. Ela apresentou testes positivos para o vírus por dez dias e, 48 horas após o tratamento, o resultado deu negativo. Apesar da boa expectativa, médicos do Rajavithi Hospital, em Bangcoc, onde o tratamento foi feito, ainda não consideram a opção como cura e dizem ser preciso fazer mais estudos para definir se este é um tratamento-padrão.

Na Tailândia, foi feita a combinação de lopinavir e ritonavir com o oseltamivir, conhecido pelo nome comercial Tamiflu,

este em uma dose elevada. Segundo o hospital, dois pacientes que receberam abordagem semelhante tiveram reação alérgica e outro melhorou.

"É um novo vírus. Não há resposta terapêutica e algo tem de ser feito para não perder o doente. Quando vão fazer estudo clínico, pesquisadores compararam grupos que receberam o tratamento e os que não receberam. Essa situação é uma operação de guerra e as pessoas são obrigadas a fazer algo com o que têm nas mãos", explica Jean Gorinchteyn, infectologista do Instituto Emilio Ribas.

Professor de Infectologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e diretor clínico do Grupo Fleury, Celso Granato diz que alguns esquemas de tratamento são propostos para encurtar o processo de desenvolvimento de uma droga, considerando a necessidade. "Não dá tempo de fazer ensaio clínico para validar uma droga nova, o que dura muitos anos. Nesse caso, faz uso compassivo, dá o medicamento sem saber se faz mais mal do que bem e tem a evidência de que é melhor do que deixar o paciente morrer. Remédios para HIV são usados normalmente e já se conhece o grau de risco. O Tamiflu

também é muito seguro."

Nos EUA, o Departamento de Saúde e Serviços Humanos ampliou acordo com a farmacêutica Regeneron para desenvolver um tratamento. A parceria, desde 2017, tem como foco remédios para doenças que põem a saúde pública em risco. Um deles foi o tratamento para o ebola, usado em 2019 na República Democrática do Congo, com aumento significativo de taxas de sobrevivência. A proposta, agora, é produzir anticorpos monoclonais, cópias de um único tipo de anticorpo produzidas em laboratório. Esses anticorpos seguem certas proteínas do vírus e conseguem neutralizar a capacidade do patógeno de infectar células humanas.

Na China, médicos também têm usado medicamentos para HIV, tendo como base estudo de 2004 que apontou respostas favoráveis em casos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars), que matou cerca de 800 pessoas em 2002 e 2003. Além disso, autoridades têm recomendado a integração da medicina tradicional chinesa, por meio de substâncias que têm ingredientes antivirais ativos, e a medicina ocidental. (Com agências internacionais).